

## Earth, year 2074

Not a soul wanders the streets of Lisbon. Under the scorching sun, only stray dogs drift through the downtown area in a fruitless hunt for discarded scraps from the previous evening. In the vicinity of Rua Augusta, the Pombaline architecture bends to merciless light, radiating like an all-encompassing metaphysical cloak casting its shadow over the city.

Far away, from the top of Parque Eduardo VII, an erratic creature can be glimpsed strolling through the maze of geometric bushes that virtuously stretch to the feet of Marquês de Pombal. At its opposite end, however, in the shade of the Estufa Fria, ferns, begonias, and banana trees share the same controlled ecosystem: an area designed to preserve rare plants, indigenous to the farthest corners of the planet, but also to shelter those who unremittably venture out to traverse the city on foot during the day. Amidst this idyllic landscape, creatures soar over the flora of other times, from another world, resisting the torrid temperatures raging all over the surface of the Earth—this sphere of life where notions of artifice and nature have long expired. In this massive garden, beings of sundry forms coexist: some have been around for millennia, others were recently created—hybrid entities (part organic, part technological) capable of self-transformation.

Sitting on a bench by the lake, a woman's gaze wanders through the landscape, zigzagging relentlessly from the water to the ferns to the sculpture of a petrified, bowed female body. She pauses at that figure, enthralled by an image as beautiful and anachronistic as it is romantic and fascist. But suddenly the statue begins to move—at first slowly, then ever more nimbly—disentwining itself from the plants and beginning to walk towards the human figure. Side by side, they behold each other's gaze, questioning

how they have each reached that extreme point of their existences. They exchange no words, which have fallen into disuse since Earth became inhabited by creatures capable of reading thoughts, thereby dispensing with verbal communication. Instead, they both focus on observing the plants and listening to the sound of water flowing from the fountains into the dark lake.

(Time was suspended by the crystal-clear sound.)

Suddenly, the rain begins to beat down heavily on the greenhouse, accompanied by a mass of hot air that bursts into the space like an ominous gust. Its noise invades and permeates the two women's thoughts, soon becoming torrential. The earth trembles, the lake overflows, and the plants are swept away by the force of the water and wind. Embracing one another, they cling to the fountain-bodies. The roof is gone, exposing the greenhouse, and the maze, stoic before the devastated city, looms on the horizon.

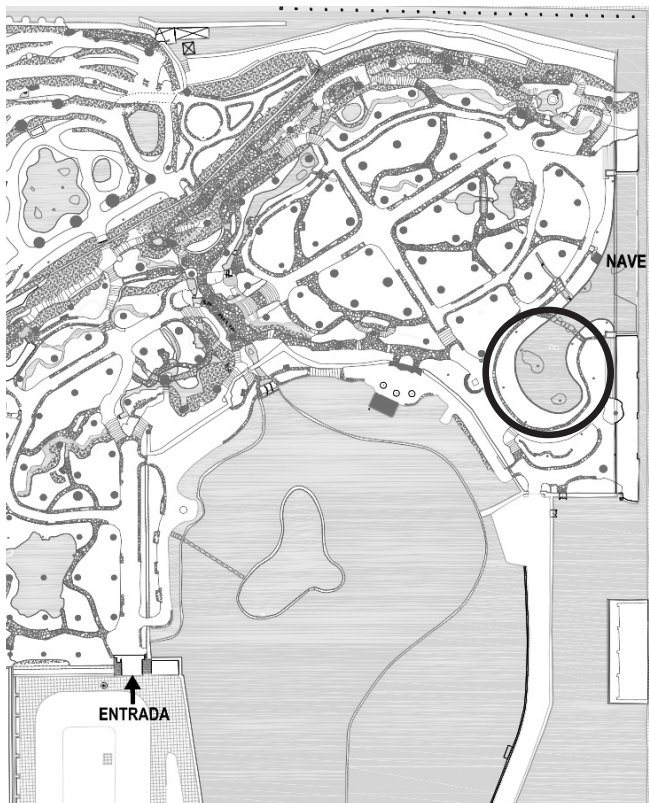
—Bernardo José de Souza

Gonçalo Sena



chuva suor

Estufa Fria de Lisboa  
23.05-01.11.2025



Gonçalo Sena  
*Chuva Suor*

two sculpture-fountains, two sculpture-benches,  
a text by Bernardo José de Souza  
and a performance by Raw Forest (23.09.2024)

23.05–01.11.2025  
Estufa Fria de Lisboa

Thank you to my family, Guillaume, Luis, Pedro, André,  
Joana, Diogo, Gonçalo, Margarida, Beatriz, Ivo, Vasco,  
and all the Estufa Fria team.



apoio



## Moon, year 2074

Under the dome of the winter garden, the tropical landscape stretches as far as the eye can see. Though it is night outside, its interior reproduces the amber-violet hue of an earthly twilight. The humid atmosphere inside the greenhouse makes bodies sweat, and plants perspire. The air, sweet-and-sour, prompts touch between two mesmerised people contemplating the fountain-bodies that communicate through the water flowing from their mouths, pouring onto the lake. A strange sensuality hangs in the air, as though an invisible force oozed forth from that ancestral architecture, a remnant of an epoch when humans believed they stood apart from other species—something that stopped making sense over time. The sound, sharpened by the murmuring stream, precipitates a cascade of hasty memories, some of them artificial—thoughts pouring out through monstera and calla lilies, weaving fabulous sceneries, landscapes of the neighboring planet, the latter glimpsed only in the distance, imposing, gigantic, hostile.

By then, the lunar beings' relationship with Earth was based on a colossal archive of sounds, images, and sensations of events that had occurred on its surface. Such was the distance between them and their planet that even the reality of a few decades ago had taken on sci-fi undertones, like the prehistory of an epoch and a life irretrievably lost.

The two beings converse, laugh, sip water from the fountains, and kiss as though there were no tomorrow. Birds sing, a snail crawls through the foliage, insects bite the lovers' skins. As one of them startles at the bite, the other reacts to the signal of news just arrived from Earth. Bewildered, disheartened, they put on their oxygen masks and leave.

Whilst life on planet Earth persisted under precarious conditions, the colony on the Moon seemed equally doomed to a bleak fate. And what might have been a clean slate for humanity ultimately revealed the same destructive, demiurgic impulse that had accompanied it throughout the ages.

Almost twenty-five years ago, a community had settled on that satellite, seeking to safeguard the supposedly most precious things on Earth: from animal and plant species, scientific knowledge, and artifacts, to the audiovisual records of collective history, invariably immersed in a sea of fiction. But even what was once called real would succumb to virtuality, so dear to the human mind: politically forged memories and the most subjective feelings—whether of love or longing, once sovereign élans—had become spurious remnants of a doomed humanity. And the romantic idea of nature itself, treacherously forged over time, thus turned to dust amidst the inhospitable atmosphere of the Moon. Or even of the Earth.

\* \* \*

Two men walk arm in arm. It is very cold outside, and darkness envelops them in its unanimous night.

\* \* \*

Terra, ano 2074

Vivalma caminha pelas ruas de Lisboa. Sob o sol escorchante, apenas vira-latas vagam em desatino pela Baixa — uma busca inglória por sobras de refeições noturnas, por restos de comida deixados para trás. Nas imediações da Rua Augusta, a arquitetura pombalina dobra-se à impiedosa luz que se irradia como um imenso manto metafísico a projetar suas sombras sobre a cidade.

Longe dali, desde o alto do Parque Eduardo VII, é possível divisar uma criatura errática a flunar pelo labirinto de arbustos geométricos que se estende virtuoso até os pés do Marquês de Pombal. No seu extremo oposto, contudo, à sombra da Estufa Fria, fetos, begônias e bananeiras compartilham de um mesmo ecossistema controlado: uma área projetada para preservar plantas raras, nativas dos mais distantes recantos do planeta, mas também para abrigar aqueles que irremediavelmente se aventuraram a cruzar a cidade a pé durante o dia. Em meio a essa paisagem idílica, bichos sobrevoam a flora de outros tempos, de outro mundo, refratária às tórridas temperaturas que ora assolam o rés da Terra — esta esfera de vida onde noções de artifício e natureza há muito haviam caducado. Nesse imenso jardim convivem seres das mais diversas formações, alguns existentes há milênios, outros recém-criados: entes híbridos — em parte orgânicos, em parte tecnológicos — capazes de se autotransformar.

Sentada num banco à beira do lago, uma mulher passeia os olhos pela paisagem num zigzag incontornável que salta da água às avencas e de lá à escultura de um corpo feminino curvado, petrificado. Naquela figura detém-se, capturada por uma imagem tão bela e anacrônica quanto romântica e fascista. Mas eis que a estátua começa a mover-se — a princípio lentamente, logo com maior destreza —, se

desvencilha das plantas e caminha em direção à figura humana. Lado a lado, escrutinam o olhar uma da outra, a indagar como haviam lá chegado, àquele ponto extremo de suas existências. Não trocam palavra; era algo que havia caído em desuso desde que a Terra passou a ser habitada por criaturas capazes de ler os pensamentos, prescindindo assim da comunicação verbal. Ambas se dedicam, então, a observar as plantas e a ouvir o barulho d'água que verte das fontes em meio ao lago escuro.

(O som cristalino punha o tempo em suspensão.)

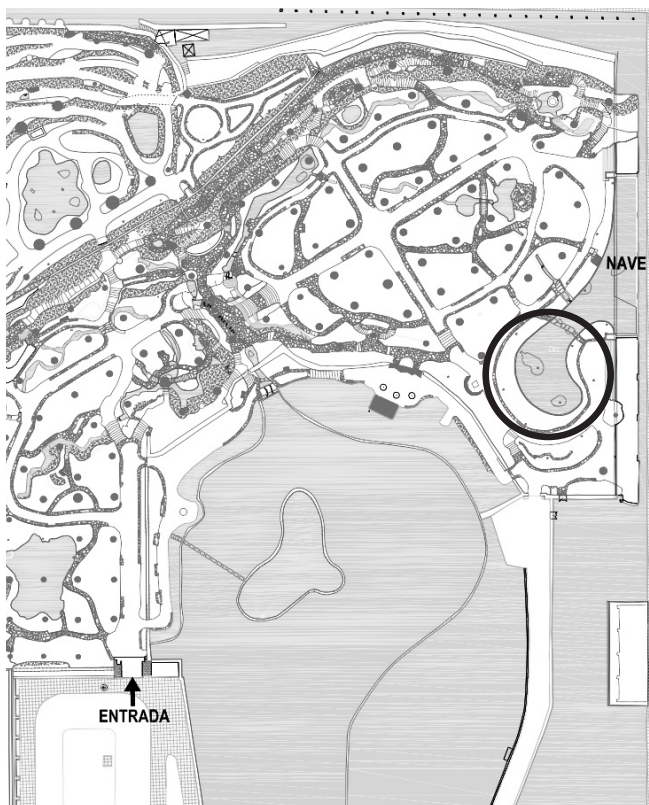
Intempestivamente, a chuva começa a bater forte sobre a estufa, acompanhada de uma massa de ar quente que irrompe no espaço como uma lufada de mau agouro. Seu barulho permeia insidiosamente o pensamento das duas mulheres; logo de forma torrencial. A terra treme, o lago transborda, e as plantas são arrastadas pela força da água e do vento. Elas se agarram aos corpos-fonte, abraçadas. Já não há mais teto a proteger a estufa, e, no horizonte, projeta-se o labirinto, estoico diante da cidade devastada.

—Bernardo José de Souza

Gonçalo Sena



Estufa Fria de Lisboa  
23.05-01.11.2025



Gonçalo Sena  
*Chuva Suor*

duas fontes-escultura, dois bancos-escultura,  
um texto do Bernardo José de Souza  
e uma performance de Raw Forest (23.09.2024)

23.05–01.11.2025  
Estufa Fria de Lisboa

Gostaria de agradecer à minha família, Guillaume, Luis,  
Pedro, André, Joana, Diogo, Gonçalo, Margarida, Beatriz,  
Ivo, Vasco, e a toda a equipa da Estufa Fria.



apoio



## Lua, ano 2074

\* \* \*

Sob o domo do jardim de inverno, a paisagem tropical se estende a perder de vista. Embora faça noite, seu interior reproduz a luminosidade âmbar-violeta de um crepúsculo terrestre. A atmosfera úmida da estufa faz os corpos suarem, as plantas transpirem. Seu ar acridocce incita o contato entre duas pessoas a contemplar, mesmerizadas, os corpos-fonte que se comunicam através da água a jorrar desde suas bocas, despejando-a sobre o lago. Uma estranha carga de sensualidade paira no ar, como se uma força invisível exalasse daquela arquitetura ancestral, remanescente de uma era na qual o humano se acreditava distanciado das demais espécies — algo que, com o passar do tempo, deixara de fazer sentido. A audição aguçada pelo murmurinho da correnteza precipita uma cascata de memórias açodadas, algumas delas artificiais — pensamentos vertem por entre costelas-de-adão e copos-de-leite, urdindo cenários fabulosos, paisagens do planeta vizinho, o qual tão-somente se vislumbra ao longe, imperioso e gigantesco, embora hostil.

Àquela altura, a relação dos lunares com a Terra se dava a partir de um colossal arquivo de sons, imagens e sensações de eventos lá transcorridos. Tamanha a distância entre eles e seu planeta que mesmo a realidade de algumas décadas atrás ganhava agora matizes de ficção científica, como a pré-história de uma era e de uma vida irrecobráveis.

Os dois seres conversam, riem, sorvem a água das fontes e beijam-se na boca como se não houvesse outro dia. Pássaros cantam, um caracol se arrasta pela folhagem, insetos mordem a pele dos namorados. Enquanto um deles se sobressalta com a picada, o outro reage ao sinal de notícias que acabam de chegar da Terra. Aturdidos, desacorçoados, põem as máscaras de oxigênio e decidem partir.

Embora a vida no planeta Terra permanecesse existindo sob condições precárias, a colônia na Lua parecia estar igualmente fadada a um destino sombrio. E o que poderia haver significado uma tábula-rasa para a humanidade acabou por revelar o mesmo impulso demiúrgico e destruidor que a acompanhara ao largo dos tempos.

Há quase vinte e cinco anos, uma comunidade se havia instalado naquele satélite, buscando salvaguardar o que de mais precioso haveria de existir na Terra: desde espécies animais e vegetais, conhecimento científico e artefatos, até os registros audiovisuais da história coletiva, invariavelmente imersos num mar de ficção. Mas mesmo aquilo que um dia se chamou de real sucumbiria à virtualidade tão cara à ideia humana: memórias politicamente forjadas e os sentimentos mais subjetivos — fossem de amor ou saudade, ímpetos outrora soberanos — haviam se tornado restos espúrios de uma humanidade malfadada. E a própria ideia romântica de natureza, traiçoeiramente forjada ao largo dos tempos, assim se pulverizava em meio à atmosfera inóspita da Lua. Ou mesmo da Terra.

\* \* \*

Dois homens caminham de braços dados. Faz muito frio lá fora, e a escuridão os envolve em sua unânime noite.